

OS "GOMES" DE CAMPINAS - GRANDE FAMÍLIA DE MUSICOS

Sant'Ana Gomes e Carlos Gomes

Transcrevemos hoje, com a devida vénia dos nossos confrades de o "Correio Paulista", o brilhante artigo em que Pelágio Lobo evoca a figura dos Gomes, de Campinas.

Em princípios do século XIX, um caboclo paulista, pele tostada de mestiço, testa ampla e olhar cismador, chamado Manoel José Gomes, nascido em Parnaíba, à beira do Tietê, largou do berço natal e veio para São Paulo, aprender música com o "mestre" português André da Silva Gomes de Castro que para cá viera de Portugal com o 3.º bispo da nossa diocese, frei Manoel da Ressurreição. Este músico português, que por coincidência também era "Gomes", contratado para reger o cântico da velha Catedral, afeiçoou-se ao caboclinho de Parnaíba e percebeu que ali despertava um belo temperamento musical que, com algumas lições estaria habilitado a voos maiores na divina arte. Provavelmente o que esse mestre sabia e podia ensinar era pouco, o "quantum satis" para a regência de um cântico de Catedral em terras da colônia. Mas o aluno, com o preparo adquirido, largou, de novo, de São Paulo e foi estabelecer-se, na vila de São Carlos, que era o nome da futura cidade de Campinas. Ali casou, enviuvou, recasou, tornou a enviudar e tomou outras mulheres, pelo casamento ou pela simples vida comum e formou o tronco dos Gomes, ao qual iriam despontar, na sua primeira união, os filhos que maior renome lhes deram, isto é, o primogenito, José Pedro e o segundo genito, Antonio Carlos.

A este último estaria reservado o destino de, com o nome curto de Carlos Gomes, dar lustre à família e glória à sua terra, alcançando a situação de primeira e incontestada figura da música americana. Até o presente ninguém lhe disputou esse cetro. O primogenito, José Pedro de Sant'Ana Gomes, muito afeiçoado ao irmão, de quem fôra, nos primeiros anos, um companheiro vigilante, aceitou e assumiu, com bonomia generosidade, seus traços predominantes de caráter o papel de confidente, protetor e incitador dos triunfos do irmão. Percebendo em Carlos Gomes no Tônico um talento viril, um caráter cheio de arrebatamentos e explosões, com trabalhos que já denunciavam voos de maior envergadura — colocou-se voluntariamente na penumbra, a fim de que o mano se projetasse com todo o esplendor que suas primeiras composições faziam prenunciar.

Manoel José Gomes, seguindo seus pendores artísticos formou em Campinas, ali por 1812, a primeira banda de música; ocupava o tempo entre os trabalhos da música no cântico nas igrejas e adestrava rapazes e homens maduros para uma banda que ficou com o seu nome — a "banda do Maneco músico". Preparou, assim, duas corporações — uma que se encarregava de festas religiosas, a orquestra, e a banda que se encarregava de festas mundanas.

Entre os figurantes do seu elenco tinham que aparecer, mais tarde, seus filhos, quando Maneco, já velho, percebia em José Pedro e Antonio Carlos o vigor de uma nova geração, criada também no trabalho, mas já desfrutando facilidades que ele, menino, não conhecera. E José Pedro substituiu o pai na regência e no comando dos músicos.

Mas não foram só os filhos varões que honraram, pela vida afora, os exemplos e os pendores da arte em que seu pai se consumira, grangeando os elementos com que sustentar a família, duas outras filhas, Joaquina e Ana, completavam o grupo musical do modesto professor de Parnaíba. Quando se comemorou, no nosso Estado, em 1936, o primeiro centenário do nascimento de Carlos Gomes, essas suas irmãs ainda subsistiam: Nha Quina, residente em Ribeirão Preto, alquebrada, mas lucida em seus 84 anos, e d. Ana, a caçula, em Campinas, com mais de 70 anos. Os homens já tinham morrido antes: Carlos Gomes, em Belem do Pará, a 16 de setembro de 1896 com 60 anos e Sant'Ana Gomes em Campinas, a 4 de abril de 1908, com 74 anos. Como se vê, foi Carlos Gomes quem morreu mais moço: é que os anos de vida do glorioso autor da "Fosca" e do "Guarani" tinham sido mais intensos, mais agitados, mais consuntivos. A glória tem imensos precalços e os compromissos e agitações daquele homem trepidante, cérebro em permanente ebulição, tinham que consumi-lo, como consumiram, dando-lhe, na altura dos 60 anos, uma fisionomia de octogenário, gasto, desalentado e sucumbido nos escombros da sua glória.

Não fosse, porém, o amparo moral e os estímulos que o irmão lhe dispensava desde a meninice, e é certo que o Tônico de Campinas teria baqueado varias vezes, em meio do caminho.

De Carlos Gomes existe uma variada e copiosa bibliografia; o número de operas que escreveu, o renome que conquistou, o aperfeiçoamento que conseguiu em centros de consumada cultura musical e operística, como foram os centros italianos em que fez o seu curso superior, fornecem um manancial opulento em que os estudiosos podem saciar-se com largueza. De seu irmão, porém, ha pouca coisa escrita: seu grande valor e o seu talento andam esquecidos, como, aliás, de tantos outros músicos nossos, que se fizeram pelo próprio esforço, vencendo a indiferença da gente do seu tempo e a espantosa pobreza dos elementos culturais de que poderiam socorrer-se. Entre esses coloco meu avô, Elias Alvares Lobo que foi, sem favor, durante uns bons trinta anos, o mais acatado e severo compositor de música religiosa de São Paulo.

Falarei, portanto, de Sant'Ana Gomes, o "mano Juca", como Carlos Gomes carinhosamente lhe chamava.

José Pedro de Sant'Ana Gomes nasceu em Campinas a 1.º de agosto de 1834. Nesse mesmo mês e ano e no dia 15, nascia Elias Lobo, em Itú. A música brasileira iria contar, dentro de vinte anos, com dois dos seus mais lídicos e fervorosos servidores.

